

# DINO BALDI

mortes  
fabulosas  
dos antigos



cavalo de ferro

## ÍNDICE

Preâmbulo .....	13
Nota sobre os textos .....	21
<b>MORTES DE POETAS</b>	
Homero e Hesíodo .....	25
Terêncio .....	29
Lucrecio .....	30
Cina .....	32
Virgílio .....	34
Ovídio .....	43
Outros poetas gregos .....	48
<b>MORTES DE ATLETAS E PENSADORES</b>	
Epiménides de Creta .....	57
Mílon de Crotona .....	59
Heraclito .....	62
Demócrito .....	65
Fidípides e a Batalha de Maratona .....	67
Timão, o Misanthropo .....	69
Sócrates .....	71
Diógenes, o Cínico .....	74
Polídamas de Escotusa .....	79
Anaxarco de Abdera .....	81
Alexino de Élis .....	84
Arquimedes .....	85

## MORTES DE REIS, CHEFES MILITARES, TIRANOS E IMPERADORES

O Faraó Miquerinos (com a história do ladrão de Rampsínito) .....	91
Artistómenes de Messénia .....	97
Pausânias, o Espartano .....	100
Mausolo de Halicarnasso .....	104
Sila .....	105
César .....	110
Cláudio .....	113
Heliogábalo .....	119
Maximino Daia .....	127

## MORTES DE POVOS, CIDADES E EXÉRCITOS

Os mortos das Termópilas .....	131
A peste de Atenas e Péricles .....	137
Emílio Paulo e Canas .....	141
Espártaco e a guerra servil .....	147
Varo e Teutoburgo .....	152
O incêndio de Roma e o suplício dos cristãos .....	158
Massada e a revolta dos judeus .....	162
Plínio, o Velho, e o Vesúvio .....	165

## CELESTES DESAPARECIMENTOS

Ulisses .....	171
Rômulo .....	173
Aristeas de Proconeso .....	176
Túlio Hostílio .....	178
Eutimo de Locros .....	181
Hermótimo de Clazómenas .....	183
Empédocles .....	184

Cleomedes de Astipaleia .....	187
Peregrino Proteu .....	188

### **SELVAGENS HOMICÍDIOS**

Tarpeia .....	195
A mulher de Inácio Mecénio .....	197
Métio Fufécio .....	198
Fálaris e Perilo .....	202
Sisamnes .....	206
Átilo Régulo .....	207
Tibério Graco .....	211
Caio Graco .....	219
Cícero .....	228
Hipátia de Alexandria .....	232

### **SUICÍDIOS A CONTRAGOSTO**

Carondas de Catânia e Díocles de Siracusa .....	237
Demóstenes .....	239
António e Cleópatra .....	241
Cornélio Galo .....	248
Séneca, Lucano, Petrônio e outras mortes estoicas .....	251

### **MORTES PELA MÃO DOS PARENTES**

A morte de Horácia .....	261
Astiages, Hárpago e Ciro, o Grande .....	265
Sérvio Túlio .....	270
Pásicles de Éfeso .....	274
Lúcio Bruto e outros casos de pais severos .....	275
Alexandre de Feras .....	278
Agripina .....	280

<b>MORTES REPENTINAS POR CAUSAS NATURAIS</b>	
Marco Ofílio Hilaro e outros casos de mortes naturais	289
 <b>SUICÍDIOS DE CABEÇA ERGUIDA</b>	
Abradates e Paneia .....	295
Lucrecia .....	297
Marco Cúrcio .....	301
Calano .....	303
Bruto e Cássio .....	306
Árria .....	309
Túlio Marcelino .....	310
 <b>QUASE MORTOS, QUASE VIVOS</b>	
O Panfilio Er .....	315
Filínio .....	321
Atenodoro e o fantasma .....	324
Mortes aparentes: Jesus .....	326
Outros casos de morte aparente .....	330
Cabeças falantes: o filho de Polícrito .....	333
Outros casos de cabeças falantes .....	336
Zalmóxis (e Pitágoras) .....	339
Exércitos sem paz .....	342
 Fontes .....	 347

*O mais engraçado  
é que morrer vai surpreender-te*

PAOLO MACCARI

## PREÂMBULO

Nunca morremos como gostaríamos, trata-se de uma verdade bastante óbvia. No entanto, parece-me hoje um pouco mais verdadeira a respeito do passado. Alguém (infelizmente não recordo quem) escreveu que os antigos gozam dessa vantagem em relação aos modernos: são antigos. Assim, quanto ao tema da morte fabulosa, a Antiguidade proporciona também a quem a habita uma maior margem de manobra em relação aos contemporâneos. Dito isto, não penso que não tenha havido também entre os modernos mortes exemplares. Emilio Salgari saiu de casa uma manhã, após ter escrito treze cartas de despedida, e fez haraquiri na colina de Turim; o poeta Serguei Iessénin escreveu com o próprio sangue o último poema a um amigo, enforcando-se então no seu quarto com recurso ao cano do aquecimento. São mortes belas, sinceras e elaboradas ao mesmo tempo, como as mais belas mortes clássicas. Todavia, na maior parte das vezes morre-se de horrendas mortes hospitalares, ou de mortes aparentemente caprichosas, mas que na realidade são mortes por empréstimo, associadas a modas e propostas comerciais deveras precisas.

Os antigos gregos (pelo menos até certo período) tiveram um conceito muito flexível de realidade, verdade e verosimilhança, resultante de uma relação com o mundo franca e aberta, de respeito mútuo, que pressupunha as mesmas dignidades e direitos. Por esse motivo, todas as coisas belas e significativas eram efectivamente encaradas como pessoas (pessoas divinas) com as quais se podia de alguma forma discutir; talvez não propriamente de igual para igual, mas através de uma

certa dialéctica. Discutia-se com os rios, com as montanhas, com a Lua, com a chuva, com as árvores (embora também com os próprios pés, com os cabelos, com os olhos, com os dentes e com o sentimento de amor, que era considerado incompreensível e cuja causa era atribuída a uma qualquer substância venenosa presente no ar ou na água). O conceito de medo do divino, que nós compreendemos de imediato, teria sido complicado para um antigo. A consequência (não é a melhor forma de o dizer, mas paciência) é esta: para um grego, e posteriormente para um romano, a realidade verdadeira (verdadeira para nós) não gozava de particulares privilégios relativamente à realidade inventada (inventada para nós), e o facto de algo ter acontecido não lhe concedia nenhuma vantagem em relação a algo que não tivesse acontecido, mas que deveria ter acontecido segundo uma qualquer lógica de bom senso e de oportunidade. Em suma, é mais verdadeiro aquilo que é mais útil ou mais conveniente para um determinado fim ou simplesmente mais belo, mais elegante, mais divertido, mais trágico, mais cómico, mais *justo*, segundo categorias que a partir de dado momento começaram a consolidar-se e a repetir-se com uma certa regularidade nas biografias antigas.

Os gregos e os romanos foram os grandes mecânicos do mundo, versados, curiosos e apaixonados; e sobretudo com a dose certa de abertura de espírito e arrojo. Se algo não batia certo, fazia-se com que batesse certo, de uma forma ou de outra, pelo que se uma morte não estivesse à altura da vida da qual era o término supremo, ou à ideia com que se ficara dessa vida, a mesma era adaptada, corrigindo-se através da palavra (em geral era o suficiente) o erro da natureza ou do acaso. Do mesmo modo, emendava-se tacitamente, aquando da sua narração, uma vida imperfeita, se por alguma razão tivesse descurado o seu desenvolvimento implícito: não se aceitava grande diferença entre a alma e o seu invólucro, daí o princípio clássico do belo que é também bom, muitas vezes

mal compreendido no seu sentido real. Os biógrafos da época helenística (*mendacissimum genus hominum*, disse um filólogo), que nos restituíram muitas dessas mortes fabulosas, criaram neste sentido algo para lá de um género literário. A biografia antiga era uma categoria interpretativa do real, bem distinta da historiografia como fim e como meio: era o espelho de uma visão do mundo; e, para funcionar, devia respeitar regras bem precisas. Assentava num esquema de desenvolvimento progressivo, bastante rígido, dentro do qual eram cuidadosamente distribuídos e automaticamente avaliados os ditos e factos memoráveis relativos à vida de tal personagem, seleccionados de modo a garantir um quadro coerente desde o nascimento até à morte. Nalguns casos, e sobretudo para os literatos, filósofos e oradores, a sequência temporal era substituída por uma organização por rubricas (*per species*) nas quais se tratava sistematicamente o aspecto físico, os vícios e as virtudes, os estudos, os gostos sexuais e por aí fora. Em geral, trabalhava-se bastante em vida para deixar na própria biografia o menor número possível de hiatos, que um qualquer biógrafo malévolo poderia preencher a seu bel-prazer, interpretando *in malam partem* todos os acontecimentos mais pequenos e maiores dos quais geralmente transborda a vida de um indivíduo. Em relação à morte, todos os potenciais defuntos de um certo nível também a planeavam cuidadosamente desde muito antes da sua ocorrência, procurando corresponder por inteiro à expectativa que se criara no seu círculo social. Uma boa morte em Roma era uma morte representável e recomendável, sinal de distinção familiar e instrumento de propaganda política e filosófica, divulgada a partir de dado momento através do rigoroso cânone das tanatografias clássicas, das quais os *Exitus illustrium virorum*, que Tácito conheceu e utilizou largamente, são porventura o exemplo mais significativo (embora também por isso o mais declinante); no fim de contas, morrer era um facto social, muito mais do

que hoje, e a desonra de uma morte indecorosa ou até meramente pouco ambiciosa ou desditosa ficava a reverberar na família do defunto ao longo de gerações. Verificava-se algo de semelhante, em termos de planeamento, em relação aos nascimentos importantes, que muitas vezes eram anunciados por presságios que encerravam em si todo o desenvolvimento subsequente, o carácter da pessoa, a sua némesis. Em geral, cumpre dizer que qualquer acontecimento crucial era prenunciado por um outro acontecimento mais ou menos anómalo. Um eclipse, um raio com o céu limpo, uma mulher que dava à luz um cadáver que recobrava vida após a dentada de uma serpente eram os sinais que o mundo enviava aos seus habitantes para dizer: aproximem-se e prestem atenção, estou prestes a mudar. Morrer era, sem dúvida, absorvente. Julgo que serão pouquíssimos os antigos que morreram durante o sono, e raríssimas eram as mortes por velhice; são muitos mais, pelo contrário, os acidentes significativos, os mortos incinerados através do raio divino ou os suicídios rebuscados induzidos pelos poderosos. Convém ter em conta as excepções, naturalmente. Otaviano Augusto, embora generosíssimo a distribuir morte à sua volta, faleceu suavemente no seu leito sob os cuidados da mulher Lívia, após ter pedido que lhe ajeitassem os cabelos e as faces pendidas e ter perguntado aos amigos se teria representado bem a comédia da vida. Já Vespasiano morreu de um ataque de diarreia; porém, com grande dignidade, de pé diante dos seus convidados, qual imperador. Para sermos sinceros, também Tito, o seu filho, morreu de uma banal febre; os Flávios tinham, aliás, origens humildes, austeras, tendo demonstrado gostos mais plebeus também na morte.

A capacidade de dialogar com a morte é o melhor indicador do nível de civilização de uma época. Em Roma, existia uma antiga cerimónia que consistia em lançar da Ponte Sublício para o Tibre os velhos a partir dos sessenta anos, os chamados *depontani senes*: uma forma brilhante de resolver o problema

da decadência senil; da mesma forma, os velhos de Ceos eram carinhosamente acompanhados às colinas da ilha em busca da flor da cicuta, pois «Quem bem não possa mal em Ceos não viva». No entanto, a morte para os antigos era efectivamente vida, vida no sentido verdadeiro. Era o sacrifício necessário à mãe-terra para que esta continuasse a nutrir o Homem com os seus frutos. Era o auge da existência, o seu momento mais alto e completo, a sua *perfeição* (no sentido de *perficere*, levar a cabo). Não correspondia ao não-ser, mas à conclusão da possibilidade de qualquer outro desenvolvimento, à realização do projecto subjacente ao desenvolvimento, à solução do enigma. Como quando o artista retira a obra do abrigo do seu estúdio e a expõe em público, onde pode finalmente ser observada, avaliada, admirada, criticada muito para lá do círculo restrito dos privilegiados que puderam acompanhar a sua criação. Daí que o suicídio fosse uma prática mais difundida, sobretudo entre as faixas da nobreza e da alta burguesia, não encerrando nada da inconveniência nem do sentido de desespero doentio que hoje comporta: era um acto de vontade, uma suprema demonstração da vontade de viver. E, num certo sentido, é justamente aí, quando se esgotam todas as possibilidades do ser, que finalmente pode começar a verdadeira vida. Nos funerais romanos, alguns actores eram incumbidos de vestir a roupa dos antepassados do defunto e ostentar as insígnias do cargo mais elevado que tivessem ocupado, envergavam a sua máscara mortuária e era assim que escoltavam o póstero até à última morada. Os mortos andavam a par dos vivos, o que não era espanto para ninguém.

Séneca escreveu que a alma está assente num plano inclinado: morrer é mais fácil do que nascer, dizia, e é necessário tirar partido disso, se for esse o caso. Hoje seria digno de admiração que alguém ainda tenha vontade de se manter vivo; no entanto, com todas as ansiedades em torno da segurança e a mania um pouco ingénua de que a vida é sagrada

(e nem sequer é nossa), morrer tornou-se muito penoso para um ocidental, e suscitam uma certa inveja os habitantes de Marselha, colónia grega, onde quem quisesse pôr termo à vida se apresentava diante do senado e, se as razões fossem boas, podia aceder à reserva de veneno estatal: as boas razões eram a sorte adversa, mas também a sorte excessiva, pois também essa dava medo, e quiçá mais ainda do que a sorte madrasta.

Já o Homem moderno não tem nenhuma relação construtiva com a morte, descura-a, sente-se acanhado diante dela; só sabe sofrê-la e prefere, chegado o momento, confiá-la nas mãos de profissionais. Como se a morte fosse algo que vem de fora, que não nos pertence; como se a morte não fosse, pelo contrário, uma semente plantada desde o nascimento na prega mais profunda da alma, que só aguarda a oportunidade certa para nascer; e, quando essa oportunidade se apresenta (o que mais tarde ou mais cedo acontece a todos), percebe-se claramente que o rebento despontou, e sentimo-lo crescer cá dentro, lentamente, dia após dia, até que salta cá para fora e podemos finalmente dormir a nossa primeira noite de sossego. Mas morre-se mal, e morre-se frequentemente duas vezes: a primeira vez quando se transpõe o limiar de um hospital ou de um lar qualquer, e uma segunda vez quando se morre *fisicamente*. Porém, a que conta é a primeira; retira-se ao Homem qualquer carácter de Homem, e depois pega-se nessa pessoa reduzida a carne e tira-se-lhe a respiração. Quem entra no hospital acaba subtraído a si mesmo: pode ser uma situação transitória ou definitiva, mas, mesmo que de lá saia, passou pelo inferno tanto quanto Eneias ou Dante. Ao morrer, a morte colhe-o com todas as cerimónias exteriores bem organizadas, mas sem nenhuma preparação interior, sem nenhuma vontade de morrer, senão para se libertar da vida, por cansaço, por dor, por ignorância, que é a pior das mortes. Epicuro, velho e doente com cálculos renais, mergulhou-se numa banheira de água quente e morreu a beber vinho puro; e penso às vezes que

seria bonito fundar uma Associação da Boa Morte seguindo o modelo das confrarias medievais, que pudesse oferecer aos seus membros uma morte digna, uma digna coroação da vida, literária ou literal, mas sem deixar de ser *humana*. Morrer num bosque, apoiado num castanheiro após um longo passeio, ou dissolvido na chuva, ou então de uma morte silenciosa como um animal selvagem; procurar no mundo moderno os vestígios de mortes de um tempo ainda jovem, quando se morria com desenvoltura e sem lamentos. Mas já não existem ou já não se pode fazer assim, e são mortes que se perderam para sempre.

Contudo, subsistem, e em grande número, as mortes dos antigos gregos e romanos, muitas vezes mais elevadas e gloriosas do que os mais ambiciosos propósitos de vida, das quais é possível extrair um discreto catálogo de casos exemplares: os gregos mais espontâneos e didascálicos, os romanos esplêndidos arquitectos de mortes públicas, retóricas e cruéis. Em conjunto, transmitiram-nos práticas refinadíssimas e modelos que deveriam ser admirados como os maiores conseguimentos do género humano neste domínio, tanto quanto a poesia, a filosofia, a escultura, a arquitectura. Montaigne, que foi o primeiro e porventura o último grande admirador da arte de morrer dos antigos, achava que para se emitir um juízo acerca de alguém era necessário observar a qualidade do seu fim e, tal como os antigos, tinha entre as suas preocupações principais a de morrer bem, ou seja, para si, tranquilamente, e sem alarido. Julgo que não haverá muito mais a dizer sobre este tema.

## NOTA SOBRE OS TEXTOS

Os relatos, de extensão variável, estão distribuídos por categorias, ou seja, de uma forma que me parece bastante coerente com o que os próprios antigos fariam. No sentido em que, sendo a morte um momento com forte valor simbólico, pode ser utilizada para o ensinamento ético e adequadamente categorizada para tal fim.

Só são propostas, salvo raras exceções, mortes de personagens historicamente comprovadas, mesmo que a sua morte tenha sido transmitida de uma forma que alguém possa considerar não histórica. Significa isto que se excluem programaticamente as mortes mitológicas (que não deixam de ser muito interessantes, mas dariam origem a outra coisa) e as mortes de personagens completamente inventadas por literatos e poetas. Ainda assim, descobrir-se-á que faltam personagens que talvez se esperasse encontrar, pois esta é naturalmente uma escolha deveras parcial e pessoal; mas espero que compense encontrar um ou outro relato porventura menos conhecido ao lado de tantos nomes famosos. Além das gregas e latinas, foram incluídas algumas mortes extravagantes de âmbito oriental, transmitidas todavia por autores clássicos.

O tratamento destes fragmentos de biografia é um tanto variado, embora sempre sem nenhum objectivo ou critério filológico no sentido estrito: são mortes retiradas livremente de autores antigos e livremente reelaboradas, pretendendo-se assim uma pequena cabotagem em torno do texto original sem nunca o perder de vista, mas que se sinta autorizada a escolher o percurso sem amarras. Trata-se muitas vezes de pouco mais

do que traduções de um único autor; outras vezes, de reconstruções através de várias fontes de um modo que as torne não tão facilmente destrincháveis. Seja como for, todo o material é antigo e excluem-se (excepto quiçá num ou noutro ponto) não só efabulações pessoais como também elaborações e interpretações modernas que, embora iluminando muitas vezes o texto com uma santa luz, têm o tom de quem a sabe toda, algo que está muito distante do espírito deste livro. Para cada morte, é fornecida na secção «Fontes», no fim do volume, a referência aos autores utilizados, por uma questão de rigor, mas também para que, entrando porventura estes relatos na categoria das coisas mais divertidas de escrever do que de ler, quem quiser possa, remontando à origem, construir a sua própria versão pessoal. No interior de cada secção, o desenvolvimento é predominantemente cronológico. As epígrafes colocadas no início das mortes são traduzidas pelo autor.

Uma última nota. O título e a ideia desta colectânea nasceram da leitura de um ensaio de Enea Piccolomini, helenista de Siena da segunda metade do século XIX: *Sulla morte favolosa di Eschilo, Sofocle, Euripide, Cratino, Eupoli* [Sobre a morte fabulosa de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Cratino, Êupolis] (1883). Os dois escritos não têm, todavia, mais nada em comum: aquele é um verdadeiro esforço filológico, ao passo que este é uma simples diversão. Contudo, tenho todo o gosto em aproveitar esta ocasião para recordar aqui um grande filólogo e um mestre de grande humanidade, hoje quase inteiramente esquecido até pelos especialistas.

## MORTES DE POETAS

## HOMERO E HESÍODO

HESÍODO *Homero, filho de Melete, tu que aprendeste a sabedoria com os deuses, diz-me por favor, antes de mais: que é melhor para os mortais?*

HOMERO *Nunca ter nascido e, uma vez nascido, morrer o quanto antes.*

Homero era um pedinte que circulava pela Grécia recitando os seus poemas a troco de comida e hospedagem. Quando já estava velho e maltrapilho, chegou à ilha de Ios, nas Cíclades, onde se diz que terá nascido. Foi aí que, num dia em que estava sentado sem fazer nada em cima de uma rocha próxima do mar, chegaram uns quantos jovens pescadores que saíram do barco e começaram a catar-se. Homero, já quase cego, abeirou-se deles e perguntou-lhes se tinham apanhado alguma coisa. Eles, que tinham voltado de mãos vazias, responderam em verso: «O que apanhámos ficou para trás. O que não apanhámos veio connosco», pretendendo dar a entender desta forma um pouco obscura que tinham esborrachado e deixado cair os piolhos que tinham conseguido apanhar, e que ainda traziam no corpo os que não tinham apanhado. Homero não conseguiu interpretar este simples jogo de palavras, e os pescadores tiveram de lho explicar. Foi assim que, tomado pelo desconforto, ou quiçá pela vergonha, morreu pouco depois. Porém, para outros, ele percebeu através daquela resposta que estava perto do fim da vida, pois estava a concretizar-se aquilo que lhe tinha sido profetizado algum tempo antes pelo oráculo: «A ilha de Ios é a tua mãe-pátria e acolher-te-á já morto; mas tem cuidado com o enigma dos jovens homens.» Redigiu assim o seu epitáfio,

e três dias depois escorregou na lama, caiu de lado e nunca mais se levantou. Em todo o caso, foi graças a essa sua incapacidade de resolver adivinhas que Heraclito não considerou Homero um verdadeiro sábio, e é talvez também por esse motivo que Horácio terá escrito o famoso verso: «Até o bom Homero dormita por vezes.»

As mortes por desespero intelectual, aliás, não eram assim tão raras entre os antigos gregos, gente particularmente apaixonada por esses desafios em que venciam quem conseguisse rebater mais paradoxos do que o outro. Também Diodoro Crono, filósofo conhecido pelos seus virtuosismos dialécticos, morreu aparentemente por ter feito figura de burro (é Diógenes Laércio quem o diz) na ocasião em que, durante a sua estada no Egipto na residência do rei Ptolemeu Sóter, não conseguiu resolver no momento alguns argumentos lógicos que lhe tinham sido propostos por Estilpo de Mégara durante um banquete. Reprendido pelo rei e gozado um pouco por toda a gente, Diodoro afastou-se, escreveu um tratado sobre a questão e morreu de desânimo.

Voltando a Homero, também ele tinha sido derrotado numa competição dialéctica já antes do enigma dos pescadores, durante os jogos fúnebres organizados em Cálcis em honra de Anfidamante, rei de Eubeia, morto em batalha contra os erétrios. Nessa ocasião, foi desafiado pelo famoso poeta Hesíodo com questões de sabedoria cada vez mais difíceis (a primeira é a que se reproduz como epígrafe deste relato). Homero respondeu brilhantemente a todas as perguntas, tendo sido aclamado vencedor pelo público. Todavia, Panedes, o irmão do rei morto, não ficou satisfeito e quis que cada um dos dois poetas recitasse o seu melhor trecho: perceber-se-ia por aí quem merecia a vitória. Hesíodo recitou alguns versos de *Trabalhos e Dias*, e Homero da *Iliada*. Também neste caso o público não teve dúvidas: Homero era um cantor divino. Mas Panedes, contra todas as expectativas, atribuiu a trípode da vitória a Hesíodo

(porque, segundo disse, ele cantara o pacífico trabalho dos campos, ao passo que Homero só sabia narrar guerras e violência).

Terminada a competição, Hesíodo consagrou o troféu de bronze às musas e foi a Delfos, onde, seguindo a tradição, consultou o oráculo de Apolo para conhecer o seu futuro. A Pítia, inspirada pelo deus, assim lhe profetizou: «Presta atenção ao bosque sagrado de Zeus Nemeu. Na verdade, está destinado que morras lá.» Hesíodo, supondo que o deus se referia à cidade de Nemeia na Argólida, manteve-se bem longe do Peloponeso e seguiu para as bandas de Oinoe, na Lócrida, hóspede de Anfifanes e Ganictor, os dois filhos de Fegeu. Desta forma, sem saber, estava a cumprir a profecia: toda essa região era, na verdade, tida como consagrada a Zeus Nemeu.

Passado algum tempo, aconteceu que Clímene, irmã dos dois jovens, foi seduzida e violada, enforcando-se por não ter conseguido suportar tal vergonha. Os irmãos, convencidos de que Hesíodo seria o culpado ou de que pelo menos teria encoberto aquela intriga, mataram-no e atiraram o seu cadáver para a zona de mar que separa a Eubeia da Lócrida. O seu corpo foi então apanhado por um grupo de golfinhos, que ao fim de três dias o devolveram a terra perto do promontório de Rio, a curta distância da cidade de Melicria. Nesses lugares, estava precisamente então a ser celebrada uma festa em honra de Ariadne: os lócrios acorreram à praia, reconheceram o corpo sem vida de Hesíodo, choraram-no longamente e sepultaram-no; em seguida, abandonando qualquer outra ocupação, puseram-se à procura dos seus assassinos. Anfifanes e Ganictor estavam, entretanto, a fugir para Creta num barco de pescadores. Iam a meio do caminho, quando um raio de Zeus os afundou; e foi essa a justa vingança do deus. O sedutor de Clímene, ao que parece, terá sido não Hesíodo, mas Demodes, um tal de Mileto, companheiro de viagem do poeta, que foi morto também ele pelos irmãos a par de um servo

chamado Troilo (o seu corpo, atirado para o rio Dafno, deu então nome ao rochedo que contém o seu cadáver). Há quem diga, no entanto, que Estesícoro, o poeta siciliano, terá nascido da união de Hesíodo com Clímene.

A influência dos poetas, como a de todos os que tivessem tido méritos ou deméritos em vida, não cessava após a morte para os antigos; só mudava o modo como faziam sentir a sua presença no mundo. Algum tempo após estes acontecimentos, os habitantes de Orcómeno, na Beócia, foram atingidos por uma terrível pestilência, e a Pítia decretou que a única forma de expulsar a doença era restituir à pátria o corpo de Hesíodo (que estava justamente para aqueles lados). Reconheceriam o túmulo graças a uma gralha. Os embaixadores de Orcómeno rumaram a Naupato, onde se dizia que estaria sepultado o poeta, e foi lá, sob um penhasco, que viram a gralha. Debaixo desta encontraram o túmulo, com um epigrama que dizia: *O grande Hesíodo Ascreu gabo-me de guardar, coroa da Grécia, honra do canto*. Trasladados os ossos para a Beócia, a peste naturalmente chegou ao fim.

Quando Pitágoras desceu ao Hades, viu a alma de Hesíodo amarrada a uma coluna de bronze rangente, e a de Homero pendurada numa árvore e envolta em serpentes. Era o castigo, disse, por terem dito tantas tolices acerca dos deuses.

## TERÊNCIO

*A maior parte das doenças nasce de uma dor.*

MENANDRO

Terêncio nascera em Cartago, pelo que foi o primeiro escritor africano em língua latina. Era de tez escura, de estatura baixa, de físico franzino, mas muito bonito, e muito inteligente. Foi levado para Roma como escravo do senador Terêncio Lucano, que gostou tanto dele que lhe proporcionou educação e o libertou. Foi um rapaz extremamente precoce. Tornou-se amante de Cipião Emiliano e de Caio Lélío, dois refinados nobres romanos que, segundo boatos com ampla difusão na época, terão sido os verdadeiros autores das comédias deste rapaz líbio (até porque escrever versos cómicos era nesse tempo algo indecorosíssimo, a não ser que se fosse escravo). Quando tinha vinte e cinco anos, após ter apresentado seis comédias (a primeira aos dezanove anos) e quiçá depois de os seus protectores se terem fartado um pouco dele, Terêncio partiu para a sua primeira viagem à Grécia. Pretendia conhecer os locais em que situara todas as suas histórias, bem como encontrar nova inspiração ou, melhor dizendo, novo material para os seus dramas. Durante a viagem de regresso, o barco naufragou juntamente com as bagagens e todas as comédias de Menandro que Terêncio queria apresentar em Roma com o seu nome. O próprio Terêncio morreu nesse naufrágio ou, segundo outros, faleceu pouco depois na Arcádia, em Estinfalo, devido à consumpção provocada pela dor insuportável dessa perda.

## LUCRÉCIO

*Vivas quanto queiras, não será  
menos eterna a morte que te aguarda.  
Podes ter morrido hoje, ou já há meses  
e anos: a duração do não-ser é a mesma.*

LUCRÉCIO

Talvez tenha nascido em Nápoles. Enlouqueceu após ter bebido um filtro amoroso que uma mulher malvada lhe forneceu. Escreveu o *Da Natureza das Coisas* nos raros momentos de lucidez (*per intervalla insaniae*). Aos quarenta e quatro anos, matou-se sem dar os últimos retoques ao poema, que seria publicado anos depois por Cícero. É tudo o que sabemos sobre Lucrécio.

São Jerónimo considerava-o um psicótico refém das forças do mal. No entanto, há quem diga que a história da loucura terá sido inventada justamente pelos cristãos para desacreditar o poeta ateu, que com o corpo fazia com que a alma morresse. Outros procuraram nos seus versos as provas da sua instabilidade mental, descrevendo Lucrécio como uma personagem solitária, de carácter melancólico, meditativo e bastante dado ao desespero, quiçá epiléptico. Outros ainda, espantados e desconfiados do estranho silêncio dos contemporâneos em relação a este poeta, que nasce logo perfeito para depois desaparecer, cujos versos todos conhecem, embora nunca pronunciem o seu nome, imaginaram uma estranha intriga segundo a qual Lucrécio seria o nome por trás do qual uma conhecida personagem pretendeu esconder a sua fé impronunciável: quiçá Tito

Pompônio Ático, o amigo por correspondência de Cícero, ou o próprio Cícero. Em casos assim, que cada um cultive a dúvida como lhe apeter, ao admirar o círculo perfeito de uma vida em que alguém nasce, enlouquece, escreve o *Da Natureza das Coisas* e se mata.

## CINA

*A Smyrna do meu Cina há-de ser folheada  
longamente pelos séculos encanecidos.*

CATULO

A 20 de Março de 44 a. C., poucos dias após o assassinio de César, o seu testamento foi aberto em casa de António, tendo-se descoberto que tinham sido deixados trezentos sestércios a cada romano, e os jardins para lá do Tibre ao povo, e o corpo do ditador martirizado foi levado pela cidade, e António mostrou as vestes rasgadas e ensanguentadas por causa dos vários golpes sofridos. A multidão deixou-se então tomar pelo delírio, juntou mesas e bancos arrancados às lojas no foro, colocou o cadáver em cima dessa pira improvisada e pegou-lhe fogo, e várias pessoas tiraram de lá pedaços de madeira e, brandindo-os, foram a correr às casas dos conspiradores para as queimar, enquanto outras circulavam pelas ruas da cidade para os desencantar e matar. Porém, os conspiradores estavam bem protegidos, e bem escondidos.

Caio Hélvio Cina, o jovem poeta amigo de Catulo e de César, tivera um sonho mau na noite anterior. Sonhara que tinha sido convidado para almoçar em casa do próprio César e, dado que não queria ir e apresentava resistência, foi arrastado pela mão do amigo até um local grande e escuro, acompanhando-o a contragosto e cheio de medo. Quando soube nessa manhã que o corpo de César estava a ser queimado, Cina decidiu ir lá dar-lhe o último adeus, embora não se sentisse bem, pois acordara febril e quiçá inquieto ainda com aquele sonho. Chegado ao foro, um elemento da multidão

apontou para ele e disse o seu nome a um outro que perguntava por ele, e este disse-o a um outro, e a outro ainda e assim sucessivamente, até que se espalhou o boato de que Cornélio Cina, esse patife, tivera a coragem de comparecer ao funeral de César, um homónimo do poeta que se contava entre os conspiradores e que no dia anterior proferira um violento discurso contra o falecido César. Lançaram-se a ele e mataram-no ali mesmo, naquela praça; depois, cortaram-lhe a cabeça, espetaram-na numa lança e desfilaram triunfantes à volta da fogueira. Foi este o último cumprimento de Cina ao seu César. Da *Smyrna* subsistem três versos.

## VIRGÍLIO

*Barco, que guardas Virgílio, desembarca-o intacto  
nas margens da Ática, salva a metade da minha alma.*

HORÁCIO

Virgílio era alto e bem constituído, de tez escura e rosto bastante vulgar. Comia e bebia pouquíssimo, e gozava de pouca saúde: costumava sofrer de dores de barriga, dores de garganta, dores de cabeça e frequentes expectorações com sangue. Tinha um carácter brando e modesto, e uma índole taciturna, embora fosse muito culto. Nos gostos sexuais, apreciava os rapazinhos, em particular Cebes e Alexandre, ao qual chama Aléxis na segunda écloga, e que lhe tinha sido oferecido por Asínio Polião. Nada invejoso, regozijava-se sinceramente com os êxitos alheios tal como com os seus, nunca dizia mal de ninguém, e era tão bom que quem não o adorasse deveria de facto ter um problema qualquer.

Aos cinquenta e dois anos, decidiu realizar a sua primeira viagem fora de Itália: um périplo de estudo de três anos pela Grécia e pela Ásia, que seria dedicado por inteiro à conclusão da *Eneida*. Em seguida, concentrar-se-ia exclusivamente nos estudos filosóficos, que agora preferia de longe à poesia épica. Em Atenas, primeira paragem na sua viagem, encontrou-se com Augusto, que regressava precisamente naquela altura a Roma vindo do Oriente. Talvez por já estar cansado, ou talvez por desejar ficar perto do seu imperador, Virgílio decidiu voltar com ele a Roma. Pouco antes da partida, foi visitar a cidade vizinha de Mégara, apanhou uma forte insolação e ficou com febre. Todavia, não modificou os seus planos, julgando que

haveria de ser um mal-estar de pouca monta e que rapidamente ficaria bom. Durante a viagem de barco, o seu estado agravou-se: morreu pouco depois da sua chegada a Brindisi, a 22 de Setembro de 19 a. C, durante o consulado de Cneu Sêncio e Quinto Lucrécio. O corpo, a seu pedido e com o consentimento de Augusto, foi transportado para Nápoles, cidade onde morava havia algum tempo e que muito apreciava. Foi sepultado no caminho para Pozzuoli, a menos de duas milhas da cidade, à entrada da gruta que a ligava aos Campos Flégreos e que desde então ficou conhecida como Gruta de Virgílio. Pouco antes de morrer, não querendo que a *Eneida* fosse publicada incompleta e sem a sua última revisão, pediu que lhe trouxessem os manuscritos para os queimar, algo que quis até escrever no testamento. Porém, Augusto não o permitiu, tendo confiado o poema aos amigos mais próximos de Virgílio, Vário e Tuca, para que o publicassem sem acrescentarem nada que já lá não estivesse. E assim aconteceu.

Após a morte de Virgílio, a sua fama cresceu de tal forma que foi considerado não só um poeta digno de ser estudado nas escolas, mas sobretudo um mago, um necromante, um bruxo, um astrólogo, um taumaturgo, um santo, um profeta precursor das verdades da fé cristã, capaz de escrever coisas cujo alcance religioso ele próprio não compreendia, como quem caminha à noite e leva o candeeiro atrás de si, proporcionando mais luz a quem o segue do que a si próprio. A *Eneida* foi considerada um poema alegórico repleto de significados secretos, a viagem de Eneas tornou-se a viagem da alma em busca de Deus, a descida aos infernos, o percurso místico pelas profundezas da alma.

Virgílio conheceu um culto particular em Nápoles, cidade que guardava o seu corpo, bem como diversas memórias e testemunhos da sua actividade de mago e sábio; sobretudo talismãs, propositadamente criados por si para proteger a cidade ou para a favorecer, além de outras obras de utilidade pública,

como os muros, os aquedutos, as fontes, os poços e as cloacas. Virgílio receberia inclusivamente, a par de Marcelo, o governo de Nápoles e de toda a Calábria, o qual lhe foi atribuído por Augusto como prémio por um dístico particularmente adulatório a seu respeito. Considerado, assim, pelos napolitanos como o padroeiro da cidade, continuava a protegê-la mesmo após a sua morte com a simples presença dos seus ossos, os quais, segundo a tradição, se conservavam num castelo rodeado de mar e, quando expostos ao ar livre, o mar agitava-se de imediato e desencadeava-se uma tempestade.

Gervásio de Tilbury, professor em Bolonha e marechal do Reino de Arles, nos seus *Otia imperialia* de 1212, relatava que, no tempo de Rogério, rei da Sicília, um erudito homem inglês se apresentou ao rei, solicitando um sinal da sua benevolência. O rei acedeu, imaginando que ele desejaria um benefício material qualquer. Ao invés, o inglês, sendo um literato e um cientista, pediu os ossos de Virgílio. Tendo recebido autorização, e com maior facilidade do que se poderia imaginar, o erudito deslocou-se a Nápoles e apresentou aos notáveis as cartas imperiais. O povo napolitano não levantou entraves, tendo até apoiado as investigações do estrangeiro, sobretudo porque julgava que seria impossível encontrar o túmulo do Vate, do qual se perdera a memória muito antes. Contudo, o erudito, guiado pela sua arte rabdomântica, depressa identificou o sepulcro, situado ao centro de um monte sem nenhum sinal ou abertura que indicasse a sua presença. Após longas e custosas escavações, o corpo de Virgílio foi enfim encontrado, ainda inteiro, e debaixo da sua cabeça, juntamente com outros escritos relativos aos seus estudos, um volume que continha a *arte notória*, ou seja, a arte de alcançar certos resultados observando rituais precisos. Nessa altura, os napolitanos, receando que a cidade, se os ossos de Virgílio fossem levados, ficasse sem o seu padroeiro, e julgando que, se Virgílio quisera ser sepultado no interior de uma montanha, algum motivo haveria

e não era caso para o perturbar, decidiram desobedecer ao rei e recusar o corpo ao estrangeiro. Reunidos assim os ossos do poeta dentro de um saco, levaram-nos para Castel di Mare e encerraram-nos atrás de uma grade, através da qual quem quisesse podia vê-los e venerá-los. O estrangeiro, por seu turno, disse que bastaria que lhe disponibilizassem os ossos durante quarenta dias; através de certas práticas mágicas, obrigá-los-ia a revelar espontaneamente os segredos da arte de Virgílio, após o que poderiam guardar os seus ossos. Só quis para si o volume, do qual existem alguns trechos vistos pelo próprio Gervásio, que segundo disse teria inclusivamente experimentado a sua eficácia.

Na opinião de alguns, Virgílio obtivera esse volume através de um grande necromante, príncipe grego ou babilónio, chamado Zebulom, o qual lera nas estrelas a vinda de Cristo mil e duzentos anos antes de que tal acontecesse, e empregava todas as suas artes para a impedir. Quando se aproximava a data prevista para o nascimento de Jesus, veio ao mundo Virgílio que, assim que soube da existência desse tal Zebulom, partiu de barco e chegou ao monte da Calamita, onde morava o grande necromante. Graças a um espírito encerrado numa mosca dentro de um rubi engastado num anel, conseguiu apoderar-se dos tesouros do mago, incluindo os seus livros de magia e presumivelmente aquele com o qual quis ser sepultado. Entretanto, os mil e duzentos anos tinham passado e a Virgem dera à luz o Salvador. E Zebulom tinha, portanto, sido enganado.

São muitos os outros relatos transmitidos sobre os feitos realizados por Virgílio em Nápoles, que sendo mais um assunto de magia do que de poesia encontraram pouco espaço nas histórias literárias, dando por outro lado uma imagem do grande poeta muito diferente da que todos conhecemos, como os Evangelhos apócrifos, em que Cristo surge por vezes como uma personagem pouco recomendável. Conrado de Querfurt, chanceler do imperador Henrique VI e seu representante em

Nápoles, numa carta a um amigo escrita da Sicília em 1194, após ter contado as maravilhas que vira na sua viagem, do Olimpo ao Parnaso, ao Hipocrene, a Cila e Caríbdis, a Esquiro onde Tétis mantém Aquiles cativo, ao labirinto do Minotauro, aos sarracenos que matavam as serpentes com a saliva, relata difusamente diversas maravilhas realizadas por Virgílio em Nápoles. Foi ele quem executou o Paládio, uma maquete da cidade fechada numa garrafa de gargalo estreito, que deveria torná-la inexpugnável perante qualquer ataque inimigo. Naturalmente, não a defendeu dos partidários do imperador que o próprio Conrado representava, mas Virgílio só percebeu o motivo disso mesmo quando pegou na ampola e constatou que o cristal estava lascado num ponto, algo que lhe inutilizara o poder, para sorte do exército sitiante. Mandou fundir um cavalo de bronze que, enquanto permanecesse inteiro, evitaria que os cavalos baixassem a garupa, mas cuja barriga se partiu (talvez por obra de ferradores invejosos) e seria fundido em 1322 para fazer sinos. Edificou um matadouro público no qual a carne se mantinha intacta durante seis semanas, ou para sempre até na opinião de uns quantos, graças a um pedaço de carne fixado numa das paredes. Além disso, uma vez que Nápoles estava infestada de serpentes no subsolo, Virgílio hipnotizou-as e desterrou-as para debaixo da porta designada como «Férrea»; os próprios soldados do imperador, ao deitarem abaixo as muralhas, detiveram-se defronte dessa porta, com o receio de libertar uma multidão de répteis. Fez a mesma coisa ao Vesúvio, perigo constante para a cidade; para o neutralizar, construiu uma estátua de bronze que representava um arqueiro prestes a desferir a sua flecha. Infelizmente, um camponês que já não aguentava ver aquele homem sempre tão em tensão, pensou um dia conferir-lhe algum descanso disparando a flecha, que foi acertar na beira da cratera do vulcão, e o Vesúvio recomeçou a soltar fogo e chamas. Uma outra versão da história diz-nos que Virgílio mandou construir a estátua

de bronze em monte Vergine, e não com arco e flecha, mas com uma corneta na boca, cuja virtude era rechaçar o vento que transportava para aqueles campos o fumo e a cinza do Vesúvio. Virgílio construiu, então, junto da Baía e de Pozzuoli, uns quantos banhos públicos, decorando-os com imagens de gesso que representavam as várias enfermidades e indicavam aos banhistas a piscina certa para as tratar. Porém, os médicos salernitanos, prejudicados nos seus negócios, foram lá por vingança e apagaram as inscrições, para que ninguém soubesse onde curar-se; só que foram castigados pela divindade, pois morreram todos num naufrágio na viagem de regresso, excepto aquele que posteriormente contaria a história.

Gervásio de Tilbury relata ainda que, no ano em que São João de Acre foi sitiada, foi ter consigo a Salerno um tal Filipe, filho do conde de Salisbury. Decidiram dar uma volta por Nápoles e, aproveitando a oportunidade, foram visitar Giovanni Pignatelli, arcediogo napolitano, homem culto e de berço nobre. Em conversa, os dois visitantes alegraram-se e espantaram-se em simultâneo que a sua viagem tivesse sido impecável e inteiramente conforme com o que desejavam. O arcediogo, que parecia ser esperto, perguntou então por que porta tinham entrado na cidade. Tendo eles indicado a porta que naquela época se chamava «Forquilha», o arcediogo disse que não era de espantar que a sorte os tivesse bafejado; mas, mais precisamente, por que lado da porta tinham passado? Estavam a passar pelo lado esquerdo, responderam, quando um burro carregado de lenha os obstaculizou, obrigando-os a passar pela direita. Foi então que o arcediogo quis a todo o custo levá-los outra vez até diante dessa porta, para esclarecer o motivo das suas perguntas e para lhes mostrar quão refinada era a arte de Virgílio. Apontou, assim, para duas cabeças de mármore de Paros cravadas nas laterais da porta, à direita e à esquerda, que o próprio Virgílio ali mandara pôr: a da direita numa atitude de riso satisfeito, a da esquerda com

os olhos torvos e sobrolho franzido, como o de quem está a prever um acontecimento funesto. Consoante, por um acaso do destino e não por vontade expressa, se entre por um lado ou pelo outro da porta, a cabeça transmite o presságio daquilo que acontecerá. Se, portanto, se entrar na cidade pela direita, tudo correrá bem e resultará como desejado; quem passar pela esquerda, verá todos os seus intentos frustrados. Daí que eles, tendo tido de se desviar por causa do burro, ao passarem pela direita em vez de pela esquerda, tivessem obtido uma estada napolitana, por assim dizer, perfeita. Essas cabeças seriam posteriormente levadas por Afonso II de Aragão para Poggio Reale, quando decidiu mandar deitar abaixo a porta para ampliar as muralhas.

Entre as outras maravilhas realizadas por Virgílio, Gervásio conta também a da gruta de Pozzuoli, em cuja entrada haveria de mandar então construir o seu sepulcro, que com a sua arte matemática pôs a salvo de qualquer insídia e emboscada. Além disso, construiu um jardim em Monte Vergine, no qual, segundo o monge Helinando, autor de uma *Crónica* em latim que vai até 1204, nunca chove, enriquecendo-o com todo o tipo de ervas medicinais, como a erva «Lúcia» que, se tocada por um cordeiro cego, lhe devolve a visão. Diz o mesmo Helinando que Virgílio construiu um campanário, cuja particularidade era a de se mexer a par dos sinos. Gervásio conta finalmente esta curiosidade sobre a vida de Virgílio: ao ver um dia Marcelo dedicado à caça das aves, perguntou-lhe se, tendo escolha, preferiria um talismã com o qual apanhar todas as aves que desejasse, ou um outro com o qual afastar todas as moscas que naquele tempo infestavam Nápoles. Aconselhando-se junto de Augusto, Marcelo escolheu o talismã contra as moscas, correspondendo assim melhor ao bem público do que a um interesse pessoal. Virgílio construiu então uma mosca mágica de bronze, do tamanho de uma rã, e a partir desse momento a cidade viu-se livre dessa praga. A mosca foi inicialmente

colocada numa porta fortificada, passando depois para uma janela em Castel Capuano e, por fim, para Castel Cicala (subseqüentemente designado Castel Sant'Angelo), onde no entanto perderia a sua eficácia.

Foram muitas as realizações e as proezas que a tradição trouxe até nós a respeito de Virgílio, mas talvez seja melhor ficarmos por aqui, pois este livro trata da morte, e não da vida dos antigos (ainda que, em jeito de desculpa por estas digressões, convenha dizer que todas estas histórias foram reveladas muito tempo após a morte do poeta-mago, tendo nascido, por assim dizer, sobre o seu túmulo). Rematemos, então, com o relato de uma invenção sua, feita não para Nápoles, mas para Roma, onde construiu um palácio e colocou lá dentro estátuas que representavam todos os povos conquistados. Pôs na mão de cada estátua uma sineta e, quando uma das províncias estava prestes a revoltar-se contra o imperador, a sineta começava subitamente a tocar, soando o alarme aos romanos que assim podiam enviar as tropas e reprimir durante algum tempo a sedição. Essas estátuas seriam levadas para Bizâncio muito tempo depois, e o imperador Alexandre, em sinal de respeito, vestiu-as de seda. Certa noite, apareceu-lhe em sonhos São Pedro, para lhe explicar que era a si, como príncipe dos romanos, que deveria prestar honras, e não àquelas estátuas. No dia seguinte, o imperador morreu.

Ainda a propósito do tema dos artificios mágicos levados a cabo para forçar a verdade a revelar-se, Virgílio também mandou construir uma figura de pedra com a boca escancarada, que servia para provar a castidade e a fidelidade conjugal de quem pusesse uma mão lá dentro: se estivesse a mentir, a boca cortava-lhe os dedos. Uma matrona romana, obrigada a embarcar em tal experiência pelo marido desconfiado, disse ao seu amante para se apresentar lá em frente a uma certa hora e, assim que a visse, para se atirar a ela abraçando-a e apalmando-a, como se fosse um louco enfrenesiado. Ele assim

fez e, à exceção da indignação simulada da mulher, ninguém deu muita importância ao que acontecera, considerando-o justamente o gesto de um louco. Chegados à prova, a matrona afirmou, com a mão direita no interior da boca, que até então nunca abraçara outro homem que não fosse o marido e aquele tipo que a atacara pouco antes. Sendo essa a mais pura das verdades, pôde retirar a mão intacta e reaver a confiança do esposo. Isto para dizer que a verdade é, por vezes, muito sobrevalorizada.

É sobejamente conhecida a morte do sábio Sócrates, bebendo sem hesitação a taça de cicuta, enquanto explicava em pormenor aos seus amigos o que acontece à alma assim que se separa do corpo. Já Platão, que nos relata o episódio, morreu no dia do seu octogésimo primeiro aniversário, alcançando prodigiosamente com a sua vida um perfeito número: o nove multiplicado por nove. Fins bem diferentes tiveram o dissoluto imperador Heliogábalo, encontrado escondido numa latrina pela guarda pretoriana e cujo corpo nu e decepado foi arrastado pelas ruas de Roma e atirado da Ponte Emília para o Tibre, e o grande orador Cícero, cuja cabeça e mão direita — com a qual havia escrito as *Filípicas* — foi ordenado que fossem levadas ao próprio imperador Augusto, para grande regozijo deste. Eis alguns dos casos exemplares de mortes admiráveis que a Antiguidade Grega e Latina nos deixou.

Livro singular, fascinante e poético, *Mortes Fabulosas dos Antigos* conjuga erudição e arte de narrar, reunindo, como num repertório, tão rigoroso quanto fabuloso, mortes de poetas, pensadores, atletas, reis, tiranos, de povos, cidades e exércitos inteiros, mas também mortes por homicídios selvagens, pela mão de familiares, por suicídio a contragosto, repentinas, ou mesmo aparentes, da literatura clássica.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789895830503



9 789895 830503 >